

LIVRAI-NOS DO MAL: O DISCURSO DA REVISTA VEJA SOBRE ABUSO SEXUAL NA IGREJA CATÓLICA

Eduardo de Souza Rocha¹

Vanessa Wendhausen Lima²

Resumo: Este trabalho tem como foco analisar o discurso aplicado dentro da reportagem produzida pela equipe da Revista Veja, que tem como título: Abusos da fé, foi publicada no dia 17 de julho de 2019 e que utiliza de diversas fontes para a revelação de casos de abuso sexual dentro da Igreja Católica Apostólica Romana. A fundamentação teórica deste trabalho descreve os conceitos de prática social, discurso como prática social, discurso da mídia e Análise Crítica do Discurso (ACD) por meio de um referencial teórico embasado nos fundadores da ACD, Van Dijk (2008), Fairclough (2001) e Oliveira (2013), bem como, com a utilização de autores como Charaudeau (2010) e Veronezzi (2010), que falam da mídia e que estão ligados à área da comunicação. Neste trabalho foram analisados trechos da reportagem publicada na Revista Veja. Nesta pesquisa acadêmica foi possível observar que muitas vezes a mídia não cumpre apenas o seu papel de informar, mas que ela se torna juíza na divulgação de notícias por meio da utilização de termos e imagens escolhidas para a veiculação.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Discurso da Mídia. Igreja Católica. Revista Veja.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com dados de documentos do Vaticano, sede da Igreja Católica Apostólica Romana, 1,5 mil dos 18 mil padres que atuam no Brasil estão sendo investigados por suspeita de crimes sexuais. Parte deste número tem investigações abertas referentes à prática de abusos sexuais contra crianças e adolescentes e, nos últimos anos, alguns destes começaram a vir à tona, por meio da imprensa, o que causou repercussão na sociedade brasileira.

Mas neste que parece um simples repasse de informações, há o discurso. Oliveira (2013) dá ênfase a este pensamento quando diz que as palavras colocadas

¹ Graduando em Jornalismo. E-mail: eduardosouza.imprensa@gmail.com

² Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Satc. E-mail: vanessa.wendhausen@satc.edu.br

em falas públicas ou em textos são resultantes de práticas sociais e de pensamentos ideológicos já construídos socialmente.

Sabendo desta divulgação de casos e tomando a construção da notícia como uma prática social, este trabalho apresenta como **problema**: como se dá a construção do discurso da matéria: Abusos da fé, o **objetivo geral** é analisar o discurso da matéria de capa da Revista Veja de 12 de julho de 2019 sobre abuso sexual na igreja católica. Os **objetivos específicos** são: a) analisar os elementos da prática social da Revista Veja sobre os abusos sexuais na igreja católica; b) analisar criticamente o discurso da Revista Veja, a partir do modelo tridimensional de Fairclough (2001).

Hoje a Igreja Católica é a instituição religiosa que mais aglutina fiéis mesmo com o aumento do número de outras denominações religiosas pelo Brasil e pelo mundo. Levando este aspecto em consideração e tendo em vista, o número de relatos sobre abusos praticados nesse âmbito, é necessário que nós, que trabalhamos com a produção de textos jornalísticos, entendamos como uma das maiores revistas do Brasil, ligada a um dos maiores grupos de comunicação, o Grupo Abril, noticiou um dos fatos com mais repercussão e notoriedade.

Veronezzi (2009) e Charaudeau (2010) explicam sobre a influência midiática na divulgação de alguns assuntos, já que aqueles que produzem conteúdos jornalísticos vivem em uma sociedade, esta que é movida a partir de discursos que é um dos elementos da prática social, ambos componentes importantes da Análise Crítica do Discurso, a qual possui uma seção a explicando.

Com relação aos procedimentos metodológicos, este trabalho é de natureza básica e possui abordagem qualitativa, com objetivo exploratório, pois busca entender um fenômeno específico. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, se enquadra como bibliográfica e estudo de caso. Este trabalho está filiado à Análise do Discurso por meio de Fairclough (2001), Oliveira (2013), Resende e Ramalho (2006) e Van Dijk (2008), Veronezzi (2009) e Charaudeau (2010).

2 PRÁTICA SOCIAL

O discurso nasce a partir de vivências humanas, sejam elas individuais ou coletivas, e todas essas vivências podem ser consideradas como práticas sociais, já que surgem de uma realidade social comum. Ou seja, os discursos podem ser considerados como parte das práticas sociais. De acordo com Fairclough (2001), as práticas sociais são formas de agir no mundo e conseqüentemente de envolver e influenciar a sociedade.

Estas atitudes tradicionais em sociedade, chamadas práticas sociais, estão enraizadas nos indivíduos e podem sofrer transformações constantes, haja vista que são ações dos sujeitos e estes, por sua vez, sofrem constante influência social. Giddens (1991, p. 39) chama estas mudanças de modernidade tardia, que segundo ele são processos de transformações que ocorrem com o passar do tempo, além disso, as modernidades são pano de fundo para as relações sociais e sofrem constantes transformações. “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”.

Ainda no que se refere às representações sociais, Ramalho e Resende (2006) dão exemplo parecido ao dizer que as práticas sociais são contrastes da soma da conjuntura, da estrutura e do evento, fatores que estão em constantes mudanças. Conjuntura é o termo utilizado para definir o conjunto de indivíduos, a estrutura das nossas relações e o evento refere-se aos históricos e os acontecimentos do nosso cotidiano, o que reforça que as práticas nascem de três vias, conjuntura, estrutura e evento, mas que são históricas em alguns casos, como citado pelas autoras da Análise Crítica do Discurso.

Neste caso, exemplifica-se a família como uma estrutura, já que ela sofre influência de aspectos históricos e tradicionais, estrutura que se transforma em prática social no momento em que há relações com a sociedade. A estrutura não é modificada, pois ela é algo quase que genético, mas as práticas podem ser alteradas, já que são formadas a partir de estruturas.

Para Resende e Ramalho (2006, p. 34), além da relação histórica as práticas surgem a partir também de situações externas, a partir de convivências das

estruturas por nós colocadas. “A vida social é um sistema aberto, constituída por diversas dimensões, físicas, psicológicas, biológicas, econômica, social”. A vida em sociedade é formada por diversas práticas e o discurso é uma delas e surge a partir de apontamentos como os citados por Resende e Ramalho (2006).

Para as autoras, além de contar com dimensões humanas, como as fisiológicas e psicológicas, as relações de poder são comuns e costumam interferir na relação entre pessoas que é a própria sociedade. “As práticas assim compreendidas, são constituídas na vida social, nos domínios da economia, da política e da cultura, incluindo a vida cotidiana” (RESENDE, RAMALHO, 2006, p. 35).

Oliveira (2013) afirma que o poder é sinônimo de influência na formação de ideias de outras pessoas, promovendo e permitindo que um grupo mantenha certo controle sobre outros, por exemplo.

O poder é entendido aqui como controle social de um grupo (ou seus membros) sobre outros grupos (ou seus membros) e que muitas vezes o abuso de poder é o uso do poder para o benefício de um grupo em detrimento de outros grupos, produzindo ou reforçando desigualdade e injustiças sociais (OLIVEIRA, 2013, p. 322).

Ou seja, o que pensamos e vem a ser exposto de certa forma por nós se torna conseqüentemente uma prática social. De acordo com Fairclough (2001, p. 91), “o discurso [é] um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”.

Desta forma fica visível que as práticas sociais são influenciadas por diversos aspectos sociais e que elas levam as pessoas a formar opiniões e praticar ações no convívio em sociedade, além disso há a influência da ideologia e do poder, que são ocultos para nós, mas que são presença em nosso inconsciente.

2.1 DISCURSO COMO PRÁTICA SOCIAL

O conceito da palavra discurso, conta com inúmeros os significados. Desde os primórdios, antes da era do cristianismo, o diálogo estava presente nas comunidades, por sinais e códigos, dessa forma o discurso sempre esteve representado por meio de palavras e em gestos, que nasciam e eram apresentados à sociedade com um

objetivo: convencer, ou seja, tudo o que na época era falado, explanado ou ilustrado, tinha seu objetivo individual e específico.

Fairclough (2001) considera que o discurso é uma ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros.

Discurso é entendido para significar somente um evento comunicativo específico, em geral, e uma forma oral ou escrita de interação verbal, ou da língua, em particular. Às vezes discurso é usado em um sentido mais genérico para denotar um tipo de discurso, uma coleção de discursos ou uma classe de gêneros do discurso, como por exemplo, quando falamos em discurso médico, em discurso político ou, de fato, em discurso racista (VAN DIJK, 2008, p. 135).

Nessa mesma linha, Fairclough (2001) afirma que o discurso é mais do que uma prática da retórica. Para ele o discurso não é só transmitido de forma verbal, mas com o tempo se tornou uma prática social, já que o discurso não nasce de pensamentos isolados, mas a partir de uma realidade social que, por vezes, está impregnada na vida e no dia a dia das pessoas. “A constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social, firmemente enraizada em estruturas sociais, materiais concretos, orientando-se para elas” (FAIRCHOUGH, 2001, p. 93).

Isso quer dizer que o discurso é oriundo das práticas sociais, de relações pessoais e interpessoais. O convívio em sociedade, por exemplo, em uma escola ou em um ambiente de trabalho formam discursos. Oliveira (2013) diz que é necessário entender o discurso como formas diferentes de verbalizar e absorver os fenômenos sociais. Fairclough descreve que:

Ao usar o termo discurso proponho considerar como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou variáveis de institucionais. Isso tem várias implicações. A primeira implicação é que o discurso passa a ser uma ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros. O segundo é que as estruturas sociais formam o discurso e a terceira é o efeito desta junção (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Segundo Resende e Ramalho (2006), o discurso e a sociedade nascem um do outro, para elas o discurso é moldado pela estrutura social e é constituído a partir dela. Não existem relações externas ou separadas entre sociedade e discurso, mas relações internas, próximas.

Ainda para as autoras, “a prática social é considerada um evento discursivo, assim como o texto, [e] essas duas dimensões são medidas pela prática discursiva” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 28). Assim, a prática discursiva é a união entre o discurso que se torna prática e vice-versa.

Também precisamos levar em consideração que o discurso surge a partir de ideologias por nós alimentadas, porém no discurso as ideologias não são visíveis, identificáveis à primeira vista. No discurso as ideologias estão ocultas para quem as produz, bem como para quem lê ou escuta, é raro muitas vezes identificar a prática ideológica. Fairclough (2001) ressalta que essas práticas ideológicas refletem no discurso.

O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém, e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder, na prática política e na ideologia não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Cada palavra, aponta Oliveira (2013, p. 293), tem seu objetivo em um texto e a ideologia está presente também nelas. “As escolhas lexicais feitas pelos produtos textuais são fundamentais para a análise do texto, afinal, elas apontam, dão pistas para questões ideológicas importantes”.

Confirmando essa ideia, para Van Dijk (2008, p. 12), o discurso vai além da escolha de palavras, é mais do que a prática da fala ou da escrita. “O discurso não é analisado apenas como um objeto ‘verbal’ autônomo, mas também como uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política”.

Fairclough (2001, p. 117) afirma que as ideologias são representações de diversos segmentos do mundo, indo ao encontro do pensamento de Van Dijk (2008). “As ideologias são significações, construções a partir da realidade (mundo físico, relações sociais, identidades sociais), e elas contribuem para a produção e reprodução do discurso”.

Harvey (1996 apud RESENDE; RAMALHO 2006, p. 35), tem o mesmo pensamento e aponta a ideologia como ingrediente para a geração do discurso. O discurso é uma prática social, mas que sofre influência ideológica e também de outros fatores das práticas sociais. “O discurso é um momento de práticas sociais dentre outros - relações sociais, poder, práticas materiais, crenças/valores/desejos e

instituições/rituais - que, assim como os demais momentos, internaliza os outros sem ser redutível a nenhum deles”.

2.1.1 DISCURSO DA MÍDIA

Por meio da mídia, além de ser possível se informar sobre os assuntos mais recentes é também por onde a maioria das pessoas constrói suas ideias sobre o mundo em que vive.

Para Veronezzi (2009), o conceito de mídia é amplo e seus primeiros estudos apontam que a mídia era quase que uma formação intelectual, algo a ser estudado. Pessoas realizam a mídia, que é vista então como parte de uma estrutura, uma atividade da sociedade. A mídia, segundo o autor, é designação e uma atividade profissional ou coletiva e não estava relacionada a veículos de comunicações como emissoras de rádio e televisão.

Ou seja, a palavra mídia era uma ação e não um conjunto de elementos da comunicação, nada relacionado aos meios de comunicação, o que com o passar dos anos vem sofrendo alterações.

Guazina (2007, p. 49) afirma que a mídia passou a ser comparada a grandes empresas de comunicação. “A mídia é utilizada no mesmo sentido de imprensa, grande imprensa, jornalismo, meio de comunicação, veículo. Às vezes, é citada no plural, mídias, num esquecimento - deliberado ou não - de sua origem latina como plural de médium”.

Sendo assim, agora a mídia vista já como parte da estrutura da comunicação, é preciso ponderar que cada mídia, no âmbito jornalístico (jornal, revista, portais na internet) tem o seu próprio discurso, nascido de estruturas sociais. Cada produção textual, cada oração montada, tem o seu objetivo, comprovando a relação fixa entre discurso e a mídia.

Hernandes (2006, p. 28), deixa claro seu pensamento ao dizer que “do ponto de vista analítico, mais relevante do que discutir se um texto disse ou não a verdade é notar que cada elemento do jornal foi pensado com uma missão: a de fazer o parecer real ser sentido como real”. Com isto, ele quer dizer que a mídia jornalística sofre influência de valores pessoais, que são passados em forma de discurso para quem lê, ouve ou assiste, o que é possível acompanhar em qualquer meio de

comunicação, por meio de materiais radiofônicos, televisivos ou até em meios mais atuais, como a internet.

Charaudeau (2010) afirma que a mídia é uma prática social, já que ela está interligada ao convívio direto com as pessoas. As informações saem do convívio social, de grupos segmentados e são levadas para o coletivo, para a sociedade, a mídia se torna um destinatário de informações

O autor é direto ao dizer que as mídias não apenas transmitem o que ocorre na sociedade, e que não tem como único papel o de levar a informação, elas muitas vezes colocam, de forma antidemocrática, as suas opiniões e fazem com que todos tenham o mesmo pensamento, o que reforça que cada mídia tem o seu discurso.

3 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Qual é a verdadeira relação entre o que nós ouvimos, lemos e pensamos com as nossas atitudes, ou seja, com as nossas práticas em sociedade? Este é o objetivo central da Análise Crítica do Discurso, que tem como principais autores, Fairclough (2001) e Van Dijk (2008). De forma básica, compreende-se a Análise de Discurso Crítica como uma teoria que busca compreender os discursos a partir do âmbito social.

O principal objetivo desta teoria é analisar o discurso, que é um dos elementos configuradores das práticas sociais. Wodak (2004, p. 225) diz que:

A análise do discurso pode ser definida como campos fundamentalmente interessados em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem. Em outras palavras, a ACD, almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através o uso da linguagem (ou no discurso).

Como vivemos em uma sociedade, esta teoria leva outros fatores em consideração, como o poder e a ideologia, já que existe a presença destes dois conceitos na vida social.

Fairclough (2001, p. 117), a ideologia é um aspecto do convívio com o outro: “as ideologias são significações, construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões e formas”.

Com o objetivo de analisar os discursos a partir de práticas sociais, que Fairclough (2001) criou o modelo tridimensional da análise do discurso, que envolve a prática social a prática discursiva e o objeto em análise, no caso, o texto.

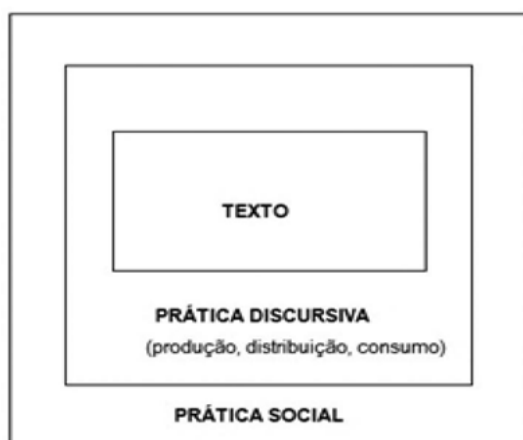
Uma tentativa de reunir três tradições analíticas, cada uma das quais é indispensável na análise de discurso. Essas são a tradição de análise textual e linguística, detalhada na Linguística, a tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microssociológica de considerar a prática social ou alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100)

Oliveira (2013, p. 292) comenta a conjuntura deste modelo. “O texto é uma manifestação linguística da prática discursiva, que, por sua vez, é uma forma de prática social”.

Para uma análise da dimensão textual tridimensional, Oliveira (2013), firma que a análise parte de especificações do texto, como o vocabulário aplicado, ou seja, a forma do material escrito que leva até a coesão na produção textual e a estrutura do texto, que é a soma de todos os outros fatores anteriormente citados.

Como citado acima, a análise deste trabalho se dá a partir do modelo tridimensional de Fairclough (2001), que é baseado nas práticas sociais, nas práticas discursivas e no texto, como mostra a Figura 1 abaixo:

Figura 1: Modelo Tridimensional



Fonte: Oliveira (2013, p. 292)

Por opção metodológica definida pela orientadora e pelo orientando, o trabalho não analisará a prática discursiva colocada sobre o material analisado, mas, levará alguns aspectos em consideração. Estes que são apresentados por autores que utilizam a teoria social do principal autor deste trabalho, dentre estes fatores estão: atividade, sujeitos, relações sociais, instrumentos, objetos, tempo, lugar, forma de consciência, valores, ideologia, pressuposições, metáforas, sentidos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Antes de analisarmos a matéria jornalística da Revista Veja, precisamos entender o verdadeiro papel do jornalista, direitos e deveres que são regidos a partir do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. É necessário deixar claro que o primeiro artigo do Código de Ética (2007) afirma que “o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação”, desta forma, fica claro que o jornalista tem como principal missão informar.

Entendida a função do profissional do jornalismo é válido recortar algumas partes do capítulo sobre a responsabilidade social do jornalista. No décimo primeiro artigo, o código apresenta orientações específicas. Uma delas pondera que o jornalista não deve divulgar informações por interesse ou com algum objetivo oculto buscando vantagem ou influenciar alguém, bem como produzir materiais de caráter mórbido ou sensacionalista.

Já sabendo de algumas orientações dadas aos profissionais por meio do Código de Ética, partimos para a Análise Crítica do Discurso de trechos da matéria que tem como personagem principal o padre Pedro Leandro Ricardo, sacerdote há 19 anos e que até alguns meses era pároco em Americana, no estado de São Paulo.

No começo de 2019, surgiram denúncias contra ele relacionadas a casos de abuso sexual, inclusive, as vítimas depuseram sobre tais situações e a diocese resolveu avaliar as denúncias por meio de um processo contra ele, afastando-o da igreja. Uma das matérias sobre o caso expõe relatos das vítimas foi escrita pelos jornalistas João Batista Jr., Adriana Dias Lopes e Edoardo Ghirotto, da Revista Veja. A matéria tem sete páginas da edição 2643 do dia 17/07/2019, intitulada: Abusos da

fé, matéria que está entre as páginas 64 e 71. Iniciamos a nossa análise a partir da capa da Revista.

Figura 2: Capa da Revista Veja, edição 2643, de 17/07/2019



Fonte: Veja (2019)

A capa estampa a foto do sacerdote, de roupa clerical tradicional com o uso de barrete preto, veste litúrgica que fica sobre a cabeça do padre, como um chapéu, com a seguinte manchete de capa: “Livrai-nos do mal”. Já a linha de apoio diz: “Jovens abusados por padres brasileiros contam pela primeira vez seus dramas e os detalhes do escândalo que chegou ao Vaticano e provocou a renúncia de um bispo”, ao utilizar a frase: livrai-nos do mal é feita a desconstrução da imagem do padre que para alguns é a representação de Cristo na terra, além disto é possível analisar que a imagem foi elaborada e feita dentro de uma igreja e que os vitrais estão escurecidos, estando apenas o padre em destaque.

A matéria jornalística possui diversas fontes, entre elas, ex-lideranças da igreja católica que contam relatos de abuso sexual. O texto conta com pequenas histórias de vítimas teoricamente abusadas por outros sacerdotes. Após a publicação do material, novas vítimas resolveram denunciar o padre.

Ao analisar a matéria podemos identificar alguns pontos da prática social que influencia no discurso, como a exposição de valores e opiniões. No primeiro parágrafo da reportagem, diz:

O pecado abjeto foi premeditado em detalhes. Após celebrar uma missa na zona rural de Araras, cidade a 180 quilômetros de São Paulo, o padre Pedro Leandro Ricardo convidou o coroinha Ednan Aparecido Vieira, então com 17 anos, para dormir na casa paroquial. A desculpa: estar a postos no dia seguinte para ajudá-lo na missa do domingo de manhã. Embora soubesse que não haveria mais ninguém na residência, o menino jamais desconfiaria que estava prestes a cair em uma arapuca. Chegando ao local, o clima começou a ficar estranho com as perguntas do anfitrião, que só queria saber da vida íntima do garoto. Tinha namorada? Qual era seu tipo físico preferido de menina? (VEJA, 2019, p. 64).

Neste trecho da reportagem não está explícito com palavras o pensamento de que todas as pessoas, ou mais precisamente, crianças e jovens que são convidados a auxiliarem a Igreja estão submetidos ao pecado da carne, ou seja, que existe a possibilidade de eles serem abusados pelo sacerdote, esta fala está oculta, representada por outros termos a língua portuguesa. Como por exemplo: 'a desculpa', 'arapuca', 'estranho' que levam a entender que uma estratégia de abuso poderia estar sendo montada.

Para Hernandes (2006), cada elemento noticioso, seja uma foto, título, frase, palavras são colocadas com um objetivo concreto que é mostrar uma verdade ou tentar convencer alguém sobre um respectivo assunto para que pareça verdade e que ele seja debatido nos corredores das escolas, faculdades, na associação de moradores, nas empresas, ou seja, na sociedade. Fica claro que cada elemento da matéria, texto, citação ou foto é escolhido para atingir estes objetivos citados por Hernandes (2006).

Fairclough (2001), quando diz que o discurso não fica simplesmente individualizado naquele que leu, mas, é comentado externamente pelo leitor que acaba fixando em sua mente uma forma de pensar sobre o assunto. Estes termos deixam em aberto para que as pessoas tenham concepções específicas sobre o assunto, generalizando situações que, talvez fossem pontuais. O texto evidencia a criação de pensamentos individuais que podem ser mantidos ou transformados. Para o autor, as práticas sociais e o discurso como um de seus momentos, é uma forma de os sujeitos atuarem sobre a sociedade, buscando envolver o leitor no assunto, neste

caso, na reportagem, bem como influenciar as pessoas a refletirem sobre os casos de abuso sexual dentro da Igreja Católica.

No segundo parágrafo desse mesmo trecho, observamos novamente a posição do escritor, quando diz: “Passado um tempo, o homem se retirou para tomar banho e a jovem visita ficou vendo TV na sala. Na sequência no inferno começou”. Posteriormente o texto afirma: “Seu estado de excitação marcava o tecido da peça. Começou a se masturbar e pediu que o adolescente fizesse sexo oral nele”.

Neste trecho novamente é explícita a possível generalização de que todos os padres, que tem relação pessoal com os fiéis estão propícios a realizarem atos sexuais ou cometerem abuso sexual contra os leigos da igreja católica. Precisamos ter atenção a palavra “Inferno”, que para a igreja católica é visto como um local ruim e neste caso a palavra vem fazer relação ao local e também ao suposto vivido pela vítima de abuso sexual. Ao utilizar o termo inferno, os que o leem logo pensam em lugar isolado, distante de Deus, para onde vão as pessoas não cumprem o que prevê a bíblia, um ambiente quente que cheira mal, onde reúne cristãos que não praticaram o bem. Esta palavra desperta sentimentos ruins quando as pessoas falam ou lembram. Inclusive, a Bíblia traz uma passagem que relembra a imagem do inferno e sobre quem está predestinado para este espaço:

Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticavam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos – o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte. (BÍBLIA, 2008, p. 3).

Oliveira (2013) nos diz que cada palavra colocada dentro de um texto aponta questões ideológicas, neste caso, a palavra inferno pode então caracterizar uma ideologia trazida por quem escolheu tal material.

Sabendo que Fairclough (2001) afirma que o discurso está em qualquer linguagem sendo ela verbal ou não verbal, desta forma é possível avaliar imagens, gestos e entre outras formas de comunicação. A Figura 3 da reportagem traz muitas lembranças e considerações para quem a vê.

Figura 3: vítima de abuso sexual



Fonte: Veja (2019)

Na figura 3, é possível ver uma das vítimas do padre. É possível observar que ela foi feita dentro de um templo religioso já que as características apontam isto, como o vitral ao fundo da imagem, este que ao contrário da figura 2, que é a capa está colorido, vale ressaltar que esta imagem foi feita no mesmo ângulo da foto de capa.

Em outra parte da matéria, na página 66, o texto apresenta um possível esquema de mensalidade dos abusadores. Os sacerdotes que supostamente cometiam o crime eram acobertados pelo bispo da diocese. Quando fala sobre o assunto, os jornalistas afirmam: “Há indícios fortes ali de uma espécie de ‘mensalinho do abuso’”. O próprio jornalista que escreveu este trecho torna a suposição como algo verídico.

Ainda sobre o assunto, na página seguinte, os jornalistas afirmam que o dinheiro arrecadado com o esquema de recebimento de valores para o acobertamento se tornou, segundo os autores “um verdadeiro milagre da multiplicação imobiliária”.

Charaudeau (2010) destaca que a mídia em outros tempos tinha como único objetivo levar informação, mas em algumas vezes ela emite opiniões, influenciando diretamente o pensamento de cada ser humano, que na sociedade praticam o discurso e levam ideias impostas para frente.

Inclusive, Fairclough (2001, p. 237) comenta sobre a criação de palavras quando diz que “a criação de itens lexicais permite conceber as perspectivas particulares dos domínios da experiência segundo uma visão teórica, científica, cultural ou ideológica mais abrangente”, sendo que o uso de novas palavras faz com que as pessoas a relacionem o termo com algo negativo, quando usado

‘mensalinho’ muitas pessoas pensam em um esquema de corrupção dentro da política descoberto no início dos anos 2000, desta forma pessoas associam a igreja a um esquema de corrupção.

Sobre a escolha de quem seria abusado, os jornalistas expõem a informação de que os “religiosos escolhiam a dedo as pessoas mais frágeis”. Os autores do texto tentam comprovar isto quando dizem: “Sua mãe trabalhava como faxineira de uma igreja. De tão humilde, dependia de ajuda da paróquia para fazer todas as refeições”.

Van Dijk (2008) pontua que qualquer objeto verbal não é autônomo, mas sim surge a partir de relações de comunicação e sociais, nascidas há muito tempo, a partir de situações específicas como as questões históricas, culturais e políticas. O que assevera Fairclough (2001):

A produção e o consumo são de natureza parcialmente sociocognitiva, já que envolvem processos cognitivos de produção e interpretação textual que são baseados nas estruturas e convenções sociais interiorizadas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99).

Ainda na página 67, há o depoimento de uma vítima, sob o nome de Paula Vallentin e a figura 4, esta que apresenta uma fisionomia negativa, o que pressupõe que esta foto foi preparada com um objetivo, oculto, até porque existe um subtítulo que chama atenção: ‘Enquanto eu vestia a túnica de coroinha o padre aproveitava para me tocar’, o que faz com que as pessoas encontrem no padre a imagem de um homem que a qualquer momento pode mostrar um outro lado.

Figura 4: vítima de abuso sexual



Fonte: Veja (2019)

Os interesses estão vivos em cada objeto verbal ou não citado por esta pesquisa, autores vão dizer que isso acontece, pois, ideologias tentam não ser mostradas, mas que na verdade quer promover uma crítica social.

Na página 68 chama atenção a Figura 5, de Nossa Senhora das Graças em um ambiente totalmente escuro, sendo segurada por uma das vítimas. Na Igreja Católica a imagem de Maria, a mãe de Jesus Cristo é símbolo de devoção e é vista como a Imaculada, aquela que não possui pecado. Ao analisarmos esta imagem, em um cenário obscuro, ela desconstrói essa imagem defendida pelos católicos, como se fosse inválida a devoção à santa que seria a intercessora nos momentos de dificuldades na vida de um cristão católico, como vemos na Figura 5 abaixo:

Figura 5: vítima de abuso sexual com a imagem de Nossa Senhora



Fonte: Veja (2019)

Alguns outros trechos devem receber atenção, estes presentes na página 69: “Do ponto de vista teológico, a pedofilia é um delito no qual se transgride o sexto mandamento, de ‘não pecar contra a castidade’. Do ponto de vista da humanidade, trata-se de uma monstruosidade” e “Os clérigos só começaram a sofrer algum tipo de sanção, ainda que pequena, de pouquíssimo tempo para cá, quando os casos saíram dos muros da Santa Sé, tornando-se público”.

No trecho acima observamos novamente o papel opinioso da mídia que ultrapassa os limites de informantes. Uma evidência disso é outra parte da matéria que faz a seguinte afirmação. “Ainda assim, o problema continua grave nos EUA. De

acordo com levantamento encomendado pela Conferência dos Bispos dos Estados Unidos, cerca de 5% dos padres americanos cometem atos de abuso. No Brasil, não há estatísticas semelhantes, mas estima-se que a porcentagem não seja muito diferente”.

Quando o texto apresenta, no fim do parágrafo citado acima: estima-se que a porcentagem não seja muito diferente. Podemos entender que a mídia muitas vezes forma discurso como quer, sem comprovar as afirmações.

Além destas ponderações, é necessário dar ênfase também à Figura 6 que é de um crucifixo em um ambiente escuro. Fairclough (2001) salienta que a interdiscursividade é uma questão de como um dos tipos de discurso, levando em consideração que há uma combinação, uma ordem para a construção de textos e elaboração de páginas de revistas, desta forma, nesta matéria está presente a interdiscursividade.

Figura 6: vítima de abuso sexual segurando crucifixo



Fonte: Veja (2019)

Na página 70 é possível encontrar a Figura 7, que liga a vítima à igreja. Mariele da Silva, na escadaria de uma igreja, o que dá novamente ênfase de que, quem participa da Igreja pode se tornar uma vítima. Nesta matéria as imagens podem ser vistas como elementos do discurso, pois não são apenas imagens de simples entrevistas, mas sim, elaboradas com o intuito de condenar a situação.

Figura 7: vítima de abuso sexual na escadaria de uma igreja



Fonte: Veja (2019)

Como falado anteriormente nesta pesquisa e analisando trechos referentes ao Bispo da Diocese de Limeira, Dom Vilson Dias de Oliveira, a matéria jornalística chega ao seu fim com a Figura 8, maior que as demais, onde o epíscopo está juntamente com o Bispo de Roma e chefe da Igreja Católica, Papa Francisco, que tem como legenda: “O bispo Vilson Dias de Oliveira com o Papa Francisco em 2014; acusado de extorquir os pedófilos”.

Figura 8: Papa Francisco e o Bispo Dom Vilson



Fonte: Veja (2019)

Na legenda está a interdiscursividade, quando a imagem complementa o texto. A foto apresenta o bispo diocesano com o papa, o que representa uma proximidade entre o papa e o bispo. Quando colocado o ano da foto 2014, percebe-se que este número não quer apenas divulgar a data da foto, mas sim, deixa aberto para as pessoas pensarem que o papa desde 2014 convivia com o bispo e sabia de suas práticas no ambiente de evangelização, o que é reforçado quando a legenda afirma ainda que o bispo é acusado de extorquir pedófilos, como uma forma de autorização à prática.

Além disso, o termo pedófilo faz referência a uma pessoa com transtornos mentais³, que tem desejo sexual por crianças e adolescentes. O que ainda não foi confirmado, já que não há nenhuma condenação referente ao padre.

A ampla divulgação dos casos envolvendo o padre fez com que ele fosse afastado do clero da diocese de Limeira, não tendo mais responsabilidade perante os fiéis do Santuário de Americana, ora uma investigação foi instaurada e um relatório com as conclusões foi encaminhado ao Vaticano, bem como, a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo apura os casos em segredo de justiça. Após o afastamento do clérigo, o então Bispo da Diocese de Limeira, Dom Vilson Dias de Oliveira, em maio, antes da publicação da revista, renunciou ao cargo de episcopo diocesano, pedido aceito pelo Bispo de Roma, Papa Francisco, já que algumas informações divulgadas envolvem o acobertamento dos casos envolvendo o sacerdote de Americana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho acadêmico tinha como problema: como se dá a construção do discurso da matéria: Abusos da fé e seu objetivo geral era analisar o discurso da matéria de capa da Revista Veja de 12 de julho de 2019 sobre abuso sexual na igreja católica, sendo dois específicos, o primeiro era analisar os elementos da prática social da Revista Veja sobre os abusos sexuais na igreja católica e o segundo era analisar

³ Disponível em: <<http://www.turminha.mpf.mp.br/direitos-das-criancas/18-de-maio/o-que-e-pedofilia>>. Acessado em 12 de outubro de 2019.

criticamente o discurso da Revista Veja, a partir do modelo tridimensional de Fairclough (2001).

Após fundamentação teórica, guiada por autores da Análise Crítica do Discurso americana, como Fairclough (2001), Oliveira (2013), Resende e Ramalho (2006), bem como, autores que explicam a participação da mídia na construção de um discurso na sociedade, chegou-se à conclusão de que o discurso é uma prática social, levando em consideração de que em uma matéria jornalística, aspectos de nossas práticas em sociedade, como crença, poder aquisitivo, formação influenciam a formação e a manifestação de opiniões, bem como realiza-se também o caminho inverso, quando a informação desperta opiniões e sentimentos nas pessoas a partir do texto jornalístico.

A partir da análise sob o modelo tridimensional de Fairclough (2001), constatou-se que, efetivamente, existe esta ligação entre o discurso e as práticas sociais e que ambos caminham unidos. E ao analisar a matéria jornalística foi possível perceber que o veículo de comunicação deu visibilidade ao fato e, que, muitas vezes, deixou transparecer a sua opinião sobre o caso, não de forma direta, mas por meio da escolha de imagens e termos que criam no leitor da reportagem alguns sentimentos e pensamentos que são levados adiante, para o convívio em sociedade.

Com esta pesquisa foi possível entender que, muitas vezes, a imprensa atua como juiz de fatos e, neste caso, ajuizou e condenou membros da igreja católica, antes mesmo que os fatos fossem comprovados pela instituição. E, levando em consideração os teóricos deste trabalho, considera-se que é importante o levantar de tabus como o desta pesquisa, mas é necessário distinguir o cidadão do profissional, o que realmente é uma limitação, já que esta pesquisa apontou que o discurso, a nossa convivência em sociedade é uma prática social.

Sugere-se como pesquisa uma análise sobre outras matérias vinculadas aos casos de abusos sexuais, mas, comparando uma reportagem com a outra e também um estudo de caso de como a assessoria de comunicação do vaticano trata os possíveis casos dentro da instituição religiosa.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo, Contexto, 2010.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).

FENAJ - FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 10 de outubro 2019.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GUAZINA, Liziane. **O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares**. Disponível em: <file:///C:/Users/eduar/Downloads/2469-9383-1-PB.pdf>. Acessado em: 20 de setembro de 2019.

HERNANDES, N. **A mídia e seus truques**. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do Discurso - Perspectivas Teóricas**. São Paulo – Editora: Parábola. 2013.

RESENDE, Viviane M.; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008

VERONEZZI, José Carlos. **Mídia de A a Z: conceitos, critérios e fórmulas**. São Paulo, Pearson, 2009.

VEJA, 2019. **Jovens abusados por padres revelam seus dramas pela primeira vez**. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/jovens-abusados-por-padres-revelam-seus-dramas-pela-primeira-vez/>. Acesso em: 19 de setembro de 2019.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. 2004. v.4, n. Especial, pp. 223-243.